

Raquel Naveira integra o *Ano Cultural Lêda Selma* na AGL

RUBENIO MARCELO – poeta/escritor e ensaísta, Cadeira nº 35 da ASL

Dando continuidade às comemorações do Ano Cultural Lêda Selma, a colega escritora Raquel Naveira (da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras) esteve na Academia Goiana de Letras – AGL, Casa Colemar Natal e Silva, no centro de Goiânia, no dia 18, quinta-feira p.p., integrando uma mesa redonda intitulada “A Crônica de Lêda Selma”, juntamente com os escritores Edival Lourenço e Miguel Jorge (mediador).

A poeta, professora e cronista Lêda Selma é baiana de Urandi, formada em Letras pela Universidade Católica de Goiás e pós-graduada em Linguística pela Universidade Federal de Goiânia. Personalidade forte, marcante, transita do riso fácil à seriedade dos intelectuais compromissados com a Literatura (foi presidente da AGL), a educação e a cultura do lugar onde desenvolveu seu talento, fincou raízes e marcou a história: o cerrado de Goiás, a bela Goiânia do centro do Brasil.

Raquel Naveira comentou, entre outros, sobre o livro “Travessia para a Eternidade” (Goiânia: Prime, 2019), de Lêda Selma, uma coletânea de quase ensaios sobre leituras e amizades literárias. Lêda traz a história de um dos maiores símbolos do regionalismo brasileiro: Hugo de Carvalho Ramos, trágico autor do icônico “Tropas e Boiadas”, vencido por profunda depressão. Sobre o fantástico nos livros de José J. Veiga. Lêda conheceu o escritor e sua esposa, Clérica. Ouviu do escritor Luiz de Aquino detalhes sobre a amizade de José J. Veiga e Guimarães Rosa, no Rio de Janeiro. O retorno de J. Veiga à cidade de Corumbá de Goiás, num resgate de suas origens. Apresenta-nos as andanças de Carmo Bernardes, cronista, cantador do sertão, pelos rios e estiaques de Goi-



Sede da Academia Goiana de Letras (AGL)

“Raquel comentou, entre outros, sobre o livro ‘Travessia para a Eternidade’, de Lêda Selma, uma coletânea de quase ensaios sobre leituras e amizades literárias”

ás. Comovente sua pesquisa sobre o poeta romântico Castro Alves, o amor pela atriz Eugênia Câmara, o acidente que culminou na amputação do pé e na morte precoce do vate. Saída Guimarães Rosa e suas veredas. Reverencia a memória de Colemar Natal, que adquiriu a atual sede da Academia Goiana de Letras, patrimônio cultural de Goiás. Escreve panegíricos saudosos para o médico e escritor Dr. Má-

rio Rizério Leite; para destacar a imortalidade da musicista Lygia de Moura Rassi. Chama de Dom Quixote da Ecologia Leoldio De Ramos Caiado, poeta do rio Araguaia. Pede a bênção do poeta Mestre Domingos. Celebra os feitos do professor e poeta José Mendonça Teles (irmão do poeta Gilberto Mendonça Teles, que há pouco completou seus gloriosos 90 anos), guerreiro da cultura goiana. Saúda a artista das areias coloridas, Goiandira do Couto. Homeneja sua mãe, a alfabetizadora de gerações, D. Lousinha Davi de Carvalho, mulher de integridade e fé em Deus. Encerra com a lembrança de Consuelo Nasser, uma lutadora idealista. Sim, Lêda Selma justifica o título do livro, fazendo uma travessia, entregando todos esses registros de preciosas vidas à eternidade.

Em “Por que Escrevo” (Goiânia: Kelps, 2019), Lêda Selma organizou depoimentos filosóficos de escritores como Adalberto de Queiroz, Ítalo Campos e Maria Helena Chein. Em plena pandemia, Lêda lançou uma recolha das crônicas espalhadas pelos jornais, enfeitadas no livro “Até Deus Duvida” (Goiânia: Kelps, 2020). São crônicas “ao estilo de Lêda”, como escreveu Vera M. Tietzmann Silva no prefácio. A autora mistura humor, espanto diante da tecnologia, indignação perante o desrespeito à Língua Portuguesa. Tudo numa linguagem espontânea, vivaz. O livro finaliza com a dor constante da saudade de um filho jovem que partiu para sempre, no rastro do vento e que moldou o amadurecimento e a coragem da mãe poeta.

A exemplo do que já vêm fazendo a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL) e a Academia Mato-Grossense de Letras (AML), a Academia Goiana de Letras (AGL) sempre é partícipe deste fecundo estreitamento dos laços literários estaduais. Parabéns Raquel, por nos representar neste relevante evento. Viva a Literatura!

novas residências, alastrando-se pelos mata-gais periféricos; as redes de iluminação, subindo e descendo, em postes alinhados; as pontes novas, ainda com o cheirinho do cimento armado; enfim, o asfalto caprichado, onde chamavam levemente os pneus do carro... Ah! O asfalto. Por um instante experimentei ciúmes dele. Não, não me taxe de louco. A gente pode ter ciúmes de asfalto. É que, inconscientemente, a rua em que eu caminhava era aquela estrada de chão por onde tantas e tantas vezes eu seguira, até que ela virasse o costumeiro caminho. E eu não queria que o meu caminho houvesse sido apossado pelo asfalto. Era a luta da saudade contra o progresso.

Portanto, embora ao lado de um lugar vazio, num carro triste, desejava eu encontrar do mesmo jeito aquela nesga de caminho... Afinal, aquele pedaço de estrada era o sublime e amargo relicário de uma felicidade partida!

punidade. Certo dia, apareceu um cidadão no boliche de Sebastião Lima, situado no final da Rua Velha, onde começou mais tarde a Rua Barão de Melgaço, desejando comprar “um 38, marca grande e uma caixa de balas”. O bolicheiro tinha. O homem pegou a arma carinhosamente, com a inocente alegria de uma criança que ganhava presente novo. Pagou 200 mil réis. Em seguida, encheu o tambor e, num gesto rápido, apertou o gatilho, derrubando um velho que passava a cavalo. Voltou para o bolicheiro e confirmou: “É bom!”. Deixou mais 50 mil réis sobre o balcão “para pagar o enterro e as velas”.

Uma senhora de nome Guilhermina teve um filho assassinado na fazenda Lagoinha. Foi lá numa carroça a fim de trazer o cadáver já em decomposição. Depois de enterrá-lo, “iniciou implacável vingança, conseguindo localizar e matar, dias após dias, os quatro assassinos, um de cada vez. Satisfeita, dever cumprido, vestiu-se de vermelho para sinalizar sua alegria e saiu de casa em casa, aliviada, dando notícia do sucedido. Agradecia a Deus por ter lhe dado forças para fazer justiça”.

Por isso, a população andava armada. O revólver era uma peça integrante da indumentária masculina e era usado por todos.

Nesga de caminho

GERALDO RAMON PEREIRA – coordenador deste Suplemento pela ASL, Cadeira nº 39

sol derrama ouro na Cidade Morena. Campo Grande, após alguns dias de frio molhado, exhibe-se ao céu sul-mato-grossense, cuja limpidez encanta o olhar. Este olhar avissareiro da minha gente, erguido e esperançoso, quer na injúria das aragens, quer na carícia de um sol de hoje... Hoje de um sol que beija e aquece, exilando do campo-grandense a friagem remanescente dos últimos dias. Porque nós, destas plagas do Centro-Oeste, somos impregnados de todo o calor dos nossos desbravadores, oriundos de outras paragens. E o calor do nosso ser gosta do calor da terra, com o qual se mistura numa alegria quente de viver.

Portanto, como filho adotivo desta mãe extremosa (minha mãe legítima é a inesquecível

Maracaju, de cujos braços fui raptado ainda pequenino), sinto-me como todos os meus irmãos devem sempre se sentir: orgulhosos de aqui residir, crescer e colaborar, nesse afã otimista do nosso povo.

Pois foi com tal estado de espírito, cheio de calor de gente e de sol, que saí a divagar pela cidade. Andei observando as nuances de fisionomia plasmadas pelos cinzéis do progresso. Não que eu haja me ausentado. Ocorre que nossos olhos passam despercebidos pelas costumeiras metamorfoses, a ponto de não as admirarem. É o corre-corre da vida. Porém, quando a gente estala, começa a enxergar o verdadeiro panorama em que vive. E fica estupefato com as coisas rotineiras, como se elas estivessem acontecendo naquele instante. Ou se tem a mesma sensação de um turista, sequioso de novidades.

Pois bem. Eu perambulava qual um turista da minha própria terra. Caminhava a observar as

Campo Grande centenária

OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA – Cadeira nº 3 da ASL

Venho uma vez mais abordar o tema dos cem anos de nossa capital, com base no texto do saudoso acadêmico Abílio Leite de Barros, na publicação “Campo Grande – Cem Anos de Construção.” Em “Crônicas de Uma Vila Centenária”, são descritos vários aspectos da vida da cidade. O tema ora trazido diz sobre “O isolamento, a doença da terra e suas sequelas”.

O isolamento da nascente urbe, que avançou por boa parte do século XX, influiu na formação da gente da terra. A distância do poder central e sua ausência deram aos habitantes “um caráter de forte independência e a clara dominância da iniciativa privada sobre a ação pública”, algo que marcou a história da cidade, ao contrário de outras, que tiveram a ação do poder público em sua constituição, visando a defesa dos territórios formados pela ação dos bandeirantes. Assim, as decisões de interesse da comunidade eram tomadas pelos próprios moradores, em reuniões sob a liderança de cidadãos que se destacaram, como o farmacêutico prático Joaquim Vieira de Almeida, dotado de melhor instrução, e quem redigia atas

de reuniões e encaminhava correspondências às autoridades reivindicando melhorias para a vila. Teria sido de sua autoria o documento reivindicando a emancipação da vila. A falta de autoridades constituídas fazia com que se resolvessem muitas querelas na base do “38” e do “44”, este chamado “a lei de Mato Grosso”.

Um caso citado no texto anterior foi o cadáver que amanheceu estendido em frente a um cabaré, e que não despertava mais do que alguma curiosidade dos passantes. Ele permaneceu no local até cerca de meio-dia, quando, temendo o mau cheiro, o proprietário do cabaré mandou que um empregado a cavalo o removesse dali; amarrado pelos dois pés, foi arrastado até lugar distante e ali abandonado.

Quando, finalmente, um delegado foi nomeado, não dispunha ele de policiais. Por isso, um desses coitados formou um grupo de voluntários para manter a ordem, ao estilo dos xerifes do Velho Oeste americano. A primeira prefeitura não tinha sede e funcionava na casa do prefeito, que não contava com auxiliares e funcionários.

Como foi dito, não havendo autoridade na vila, vigorava a lei do “44” e matava-se por qualquer motivo, pois havia a certeza da im-

+POESIAS

Apuração

por muito tempo, passei pelo mundo
diziam-me ser um jardim
para mim, era um
vasto quintal
de muros cercado inteiro

tentei mudar os limites
o cruel concreto recuar
para desespero de uns
e fugaz gozo de outrem
tanto fiz, tanto somei
tanto dividi, tanto recrutei

...
um dia veio em que nada me sobrou
o relógio apurado pelo tempo
na afinação da eternidade
marcou o horário do infinito.

ANA MARIA BERNADELLI

Morena gigante

Piso no modernismo
Ainda sentindo o Cerrado
Sob meus pés
Vejo o ouro florescer na primavera
Da pequena grande
De gélidas noites
E sonhos acalorados
Transporto versos
Nas asas dos tuiuiús
E canto o encanto
Da diversidade pantaneira
Que agiganta esta Morena
Terra que canta e encanta
Ao som do tereré
Que guarda segredos
Em versos e prosas
Que tem o pantanal
À vista em seu quintal
Tem poderes, tem nações
Tem todas as gerações
Tem versatilidade
Lhe cabem diversidades
Já teve o mato nos olhos
E hoje o olhar imantado
A Morena que cresceu e ficou Grande.

MARCOS ESTEVÃO

Naviraí altaneira

Foi um tempo de bravura
Intrépido desbravamento
Homens desafiando ventos e o Sol
A chuva e as estrelas
E nas noites enluaradas
Festejando preparando o amanhã
De sofrimento e glória
Enfrentando a morte e a fome
Fazendo e desfrutando fartura
O vento testemunha
A realeza deste chão
O sol e a lua e as estrelas
A terra e a água, vegetação e os animais
O mais lindo encanto
De Mato Grosso do Sul
Hoje, prosseguem os bravos filhos
Com o advento de novas tecnologias
Cresce Naviraí, Cidade altaneira
Edificações modernas
O vento parece entoar uma linda
canção: Naviraí... Naviraí... Naviraí...

GUIMARÃES ROCHA

NOTÍCIA DA ACADEMIA

CHÁ CULTURAL DA ASL SERÁ NA PRÓXIMA TERÇA – Acontecerá excepcionalmente na terça-feira vindoura (dia 23/8, 19h30min) mais uma edição do Chá Acadêmico da ASL, com apresentação dos escritores acadêmicos Henrique de Medeiros (Cadeira nº 10 da ASL) e Raquel Naveira (Cadeira nº 8), que farão palestra sobre o tema “Pedro de Medeiros em prosa e verso”. O saudoso poeta/escritor Pedro de Medeiros nasceu em Corumbá em 25/11/1891 e faleceu em 12/4/1943, com 52 anos de idade. O evento, aberto ao público, será na sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Rua 14 de Julho, nº 4.653, Altos do São Francisco.